

O SERTANEJO E OS BICHOS- COGNIÇÃO AMBIENTAL NA ZONA SEMI-ÁRIDA NORDESTINA

*Scott William Hoefle**

(Departamento de Sociologia Política, PUC-Rio de Janeiro)

INTRODUÇÃO

No sertão semi-árido do Nordeste, a natureza é vista pelos seus habitantes através de uma perspectiva da utilização do meio ambiente, tanto para fins produtivo-econômicos como para fins sociais. Esta percepção não é estática, o que faz com que se procure determinar até que ponto a visão da natureza se modifica frente ao processo de transformação econômica e social da zona semi-árida. Pergunta-se se as mudanças, que vêm ocorrendo nas formas de produção campestre, têm sido significativas ao ponto de tornar o ambiente rural menos agreste, criando uma nova perspectiva na relação do homem com a natureza.

A cognição/percepção ambiental no sentido mais amplo envolve: 1) a repartição do espaço físico em diferentes esferas sociais e naturais; 2) conceitos sobre formas animadas e inanimadas dentro desse espaço; 3) idéias referentes à utilidade e ao significado social de cada objeto ou área observados de per si e, 4) noções a respeito da posição do homem dentro da ordem natural¹. Neste trabalho

(*) — Pesquisa apoiada pelo Banco do Nordeste e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. O autor agradece a Hermínio Martins e Peter Rivière, por seus comentários sobre uma versão preliminar deste trabalho, e também a Hilda Medeiros, pela tradução, para a língua portuguesa, da versão preliminar, em inglês.

sobre o sertão, enfocam-se, principalmente, os três últimos tópicos, enquanto a cognição/percepção espacial será abordada somente quando pertinente à relação entre o homem, a flora e a fauna².

Primeiro, analisa-se a taxionomia popular da natureza no sertão, comparando-a à taxionomia científica. Destaca-se a maneira pela qual ambas classificações têm o homem como ponto de referência, sendo as demais criaturas escalonadas segundo sua semelhança com o homem. Há, porém, outros modos de conceber o relacionamento entre o homem e os animais. Segue, assim, o exame do esquema popular de distinção de animais mansos e animais bravos. Este esquema, por sua vez, tem como ponto de partida o esforço do sertanejo em domesticar seu meio-ambiente. Por último, considera-se um terceiro modo popular de visualizar a dicotomia Homem-Natureza, no qual o comportamento e as aparências de certas pessoas são comparados com os dos animais, sugerindo lendas e metáforas transportadas para o vocabulário regional. Neste caso de cognição ambiental e só neste, a natureza participa dos domínios humanos, contudo, apenas com a finalidade de definir comportamento social aceitável, o que, na verdade, faz com que se mantenha a separação entre o social e o natural.

Após a análise detalhada dessas diferentes maneiras de visualizar a natureza no sertão, passa-se a investigar como a cognição ambiental vem se modificando através do tempo. Nas últimas décadas, o Sertão sofreu um processo de penetração de mercado mas, ao mesmo tempo, não surgiu uma agricultura capitalizada, de forma plena e generalizada. Houve a substituição do artesanato local pelos manufaturados de outras regiões e a subsequente especialização numa agropecuária com maior articulação ao mercado. A área agrícola expande-se contra o "mato" e o meio-ambiente passa a ser visto com uma ótica mais comercial. Desenvolvem-se outros setores econômicos dependentes da indústria e da política do centro econômico do país, crescem as pequenas e médias cidades do sertão e a vida urbana torna-se mais intensa. Neste processo de transformação, a forma de produção mercantil simples, visando mais à produção camponesa, cede lugar a outra na qual os sertanejos precisam produzir um excedente de mercadorias cada vez maior.

Dessa maneira, pergunta-se: Ocorreram mudanças de tal ordem a levar o sertanejo a assumir uma atitude de maior distanciamento entre ele e a natureza? Veremos que, até certo ponto, isso acontece, o que, inclusive, leva a casos de uma exploração predatória. Contudo, como a agricultura capitalizada, o surgimento de cidades maiores e a conseqüente transformação do meio-ambiente são localizadas, a mudança da cognição ambiental não chegou a ser radical.

ESTUDOS DE COGNIÇÃO AMBIENTAL

Na Antropologia, há uma longa tradição de fazerem-se estudos ambientais partindo do ponto de vista da população pesquisada, tradição essa que decorre da rejeição de esquemas desenvolvimentistas, como os da evolução bio-social, do século passado, ou os da teoria de modernização, deste século, que julgam a sociedade industrial do ocidente superior a outras formações sociais do mundo. Há três correntes principais de estudos ecológicos na Antropologia: a ecologia cultural, a etnociência e o simbólico.

A ecologia cultural surgiu nos Estados Unidos nos anos 60, baseada no trabalho pioneiro de Steward (1955). Neste enfoque analisa-se a adaptação ao meio-ambiente de diferentes povos no mundo através de técnicas de mensuração desenvolvidas por biólogos, demógrafos, geógrafos, zoólogos e outros cientistas que relacionam populações aos recursos naturais disponíveis a elas. Os melhores exemplos deste tipo de estudo, como por exemplo Rappaport (1968, 1979), mantêm bem separadas a visão do mundo do povo estudado e a ideologia científica na qual as técnicas de investigação se baseiam. Também se procura a explicação de comportamento no inter-relacionamento das diferentes esferas da vida. Os estudos mais vulgares deste tipo, como os de Harris (1966, 1974, 1985), caem no erro de atribuir tudo às relações ecológicas e confundem as técnicas de medição com os conceitos de interpretação. Os modelos populares são vistos apenas como superestruturas, mistificando as relações "básicas" da população frente às fontes de calor e proteínas. Essa forma de interpretação é duramente criticada, por simplificar em excesso: os modelos nativos (a crítica da etnociência), a religião (a do estruturalismo) e as relações de produção (a dos marxistas).

A etnociência, também conhecida como a análise componencial ou antropologia cognática, surgiu nas décadas de 1950 e 1960, na Antropologia Cultural da América do Norte. Os pioneiros deste movimento foram Conklin [1969 (1962)], Frake [1964, 1969(1962)] e Goodenough (1956) que têm inspirado um grande número de trabalhos, como Berlin et alli. [1969 (1966), 1973], Brown (1979, 1985, 1986), Hays (1982), Hunn (1982), Tyler (1969) e Witkowski et alli. (1981). Estes autores analisam a lógica de classificações botânicas e zoológicas populares, traçando a sua evolução e comparando-as com taxionomias científicas.

O terceiro tipo de estudo ambiental é o dos funcionalistas e estruturalistas franceses e ingleses, precursores da Antropologia Simbólica atual. Enfocam eles o significado social do meio-ambiente, ou seja, como o homem aproveita processos naturais para conceituar relações entre grupos sociais. Essa linha da abordagem tem sua origem no trabalho de Durkheim e Mauss [1963 (1903)], e

foi popularizada nas últimas décadas por Lévi-Strauss [1967 (1963), 1969 (1963)]. Exemplos dessa escola são: Bulmer (1967), Ellen e Reason (1979), Douglas (1966, 1975), Leach (1964), Needham (1979), Tambiah (1969) e Urton (1985).

Essas duas últimas escolas surgiram na mesma época e foram influenciadas os mesmos modelos lingüísticos e matemáticos³. Entretanto, foi a etnociência que mais desenvolveu a lingüística e a matemática na Antropologia, o que fez com extremo formalismo, ao ponto dos modelos nativos perderem sua lógica própria, uma vez que são analisados pela lógica matemática ocidental de hierarquia de inclusão e exclusão. Alguns proponentes desta escola, como por exemplo, Tyler, reconhecem este problema e têm rejeitado o formalismo da etnociência, procurando, hoje, no "pós-modernismo" e em outros movimentos contemporâneos de etnologia alternativa, desenvolver uma abordagem que retrata mais fielmente os modelos nativos (Marcus, 1988; Whitten Jr, 1988). As escolas francesa e inglesa, por sua vez, retratam melhor a lógica intrínseca dos modelos nativos por terem enfatizando o contexto social no qual estes modelos se inserem. Infelizmente, erraram ao fazer apenas retratos sincrônicos, sem se preocuparem com processos de mudança. Recentemente, o "pós-estruturalismo" desenvolveu essa linha de abordagem, preocupado com processos de mudança da cosmologia (Werbner, 1984). O mesmo tem tentado a corrente evolucionista da etnociência. Contudo, nenhuma das duas, têm conseguido, ainda, um enfoque histórico adequado.

De todas as escolas antropológicas, só o neo-marxismo realmente observa processos históricos e oferece um modelo sistêmico de transformação social. Assim sendo, esta escola poderia oferecer uma contribuição significativa ao estudo do meio-ambiente mesmo se, até há pouco tempo, os neo-marxistas de todas as disciplinas não se tivessem interessado muito pelo assunto (Redclift, 1984). Dessa forma, o presente trabalho explorará como os conceitos da economia política podem ser adaptados aos estudos ambientais, de modo que realmente incorpore, na análise, processos de mudança no tempo. Também no neo-marxismo retratam-se outros aspectos da vida, de que a etnociência e o estruturalismo raramente estudam, como aspectos econômicos, políticos e de classe social, de onde se originam as forças que modificam a visão do meio-ambiente. Particularmente, com o uso do conceito de modo ou forma de produção, consegue, o neo-marxismo realizar uma análise mais abrangente, analisando como a produção está organizada socialmente, ultrapassando os limites de uma análise apenas do relacionamento entre a tecnologia e o ambiente (Drechsel, 1985; Faris, 1977). Também poderia a mesma escola evitar esquemas dualistas, envolvendo a oposição tradicional-estática versus moderno-dinâmica, que é implícita nas comparações entre taxionomias populares e as científicas, como se faz na etnociência. Finalmente, o neo-marxismo pode levar os estudos

ambientais a considerarem a diferenciação interna nas formações sociais examinadas, produzindo um estudo muito mais complexo do que aqueles da etnociência e do estruturalismo. Estes, normalmente, apenas retratam a cognição ambiental ao nível da sociedade como um todo. As poucas abordagens de diferenciação social nestas escolas, como por exemplo os de La Fontaine (1978) e Urton (1986), utilizam critérios de diferenciação comuns às formações tribais, i.é., idade, sexo e tipo de parente, que são insuficientes à análise de formações sociais de classe.

Dessa forma, para realizar um estudo mais amplo da cognição ambiental sertaneja e que supere as limitações de estudos sincrônicos, combinam-se aqui os diferentes enfoques antropológicos sobre o meio-ambiente e a visão do mundo - ecologia cultural, etnociência, pós-estruturalismo e neo-marxismo - de forma que se alcance uma síntese teórica.

ÁREA DE ESTUDO

Baseia-se, este estudo, em dois anos de pesquisa de campo realizada durante os anos de 1977 a 1981, em três municípios sertanejos: Belém do São Francisco (Pernambuco), Parnamirim (Pernambuco) e Chorrochó (Bahia).

A situação agro-ambiental e sócio-econômica dessas comunidades varia desde a irrigação capitalizada da beira-Rio São Francisco, no município de Belém do São Francisco, à agropecuária de sequeiro associada à irrigação de pequena escala, em Parnamirim, até a pecuária extensiva de uma região quase árida, em Chorrochó. Da mesma maneira, também variam densidade demográfica, tamanho da sede, articulação à economia regional e nacional e contato com o modo de vida urbano-industrial, em geral.

Belém do São Francisco e Chorrochó representam situações extremas no Sertão, enquanto Parnamirim pode ser considerada caso bem típico. Além do estudo detalhado desses três municípios, realizou-se um levantamento geral de vinte cinco municípios distribuídos pelo Sertão.

ESPAÇO SOCIAL E ESPAÇO NATURAL

O sertanejo percebe o espaço em sua volta como uma graduação de esferas desde a mais humana - a cidade - até a esfera mais natural - o "mato bruto". Sua divisão de espaço se funda em distinções naturais, econômicas, sociais e de classes, todas escaladas de alto e baixo prestígio do ponto de vista humano. A cidade, domínio do homem, é construída quase que exclusivamente para seu

benefício. Muito poucos animais bravos são aí permitidos e sente-se, cada vez mais, que nem mesmo os animais da fazenda podem transitar livremente por suas ruas. Partindo do centro da cidade, passa-se das esferas mais urbanas de status alto, reservado, à elite social, para a periferia pobre da cidade, carente em serviços e de outras características de uma zona urbana; daí chega-se às vilas e aos povoados até às fazendas, "no mato", local de status inferior, onde moram os "matutos"⁴.

Contudo, no contexto de zona rural, o espaço humano é colocado à parte da esfera agreste do mato. A casa da fazenda é localizada numa clareira e é o centro do domínio humano no campo. Também perto da casa está o curral, onde ficam geralmente os animais mansos. Em seguida, há as roças e pasto no "baixo" (a faixa de aluvião perto dos rios temporários) e, finalmente, tipos diferentes de zonas de caatinga, mais ou menos modificados pelo homem. Passamos agora a analisar, em maior detalhe, a cognição ambiental da esfera natural do Sertão.

O HOMEM E A NATUREZA

O antropocentrismo da cognição ambiental sertaneja é evidente, em primeiro lugar, pela maneira como os processos naturais do mato são visualizados. Nisso, o homem é considerado um ser à parte, de forma que na esfera natural popularmente não se faz uma divisão entre o meio inanimado, físico e dos seres animados que vivem neste meio. Tudo que é encontrado na esfera natural é parte do mato e esta idéia envolve uma conexão íntima entre os vários componentes encontrados dentro desse domínio.

Uma conversa que se teve com um velho vaqueiro mostrou bem essa interdependência ambiental e a visão utilitária dos sertanejos.

Pesquisador: "Que você vê quando olha para o mato?"

Vaqueiro: "Eu olho para debaixo dos paus, para ver se tem um veado descansando em algum lugar (como um homem que caça, naturalmente faria em pleno período de seca)."

Pesquisador: "Além de animais, que mais você vê?"

Vaqueiro: "Os paus, a terra". Pesquisador: "Que você vê em primeiro lugar?"

Vaqueiro: "O marmeleiro, que é muito bom para fazer cercas. Vejo que ainda tem bastante por aqui. Quebra-faca e alecrim são também bons para isto."

Pesquisador: "A terra faz parte do mato?"

Vaqueiro: "Sim. Os paus crescem na terra, os bichos vivem no mato, comem a folhagem (...) os pássaros andam no chão, comem as minhocas que vivem na terra."

Nessa conversa fica evidente que enquanto os sertanejos reconhecem a interdependência presente na natureza, o que importa é a utilidade de cada componente para o homem. Essa consideração pesa tanto que a semelhança percebida entre o homem e outros seres é muitas vezes relacionada à utilidade em potencial destes e o modo pelo qual os outros seres são agrupados em classes e comparados uns aos outros. Aquilo que não pode ser utilizado de alguma forma, é desprezado e rotulado de "safado", o que significa sem vergonha, ou que não presta, no sentido de uma prostituta ou um vagabundo, na esfera social. Aquilo que vale tem semelhança com o homem na aparência física ou no comportamento, além do fato de ser útil. Para a maioria dos sertanejos, estas idéias vêm associadas aos animais de maior porte, que são sociáveis e domesticados.

Dessa forma, os mamíferos são a forma de vida considerada mais próxima do homem, os demais seres vivos e fenômenos naturais são classificados de acordo com sua semelhança com o homem. As coisas inanimadas são os menos humanos dos fenômenos. As pedras segundo eles, não crescem, e não se modificaram ou se mexeram desde a época da Criação. Os seres vivos, por outro lado, seguem um ciclo, que vai desde o nascimento até a morte. Esta ocorre quando eles deixam de se mexer ou desenvolver, e, como era de esperar numa zona semi-árida, eles perdem sua umidade e se tornam ressequidos⁵. É interessante notar que neste esquema a terra é considerada viva, porque, quando úmida, "produz", isto é, dá às plantas o poder de germinar que as pedras não dão. Por outro lado, a terra não é totalmente um ser vivo, pois, quando seca, nunca é caracterizada como morta, porque, quando chove, ela sempre rejuvenesce. Depois da terra, na escala da menor à maior semelhança com os homens, encontram-se os "paus". Como a terra, as árvores do sertão têm um rejuvenescimento sazonal, mas, a despeito de viverem muito tempo, morrem finalmente, e assim são consideradas verdadeiros seres vivos.

Os animais que, sob esse aspecto, são considerados mais parecidos com o homem, são: cães, felinos, bovinos, caprinos, ovinos, eqüinos, suínos e primatas. Todos são considerados sociáveis, ajudando-se mutuamente e ensinando aos seus filhotes, que deles dependem. Acima deles todos, os macacos são considerados os mais semelhantes às criaturas humanas. Eles têm a aparência física parecida e o que chama a atenção é o fato de serem ágeis, muito "domesticáveis", fazem algumas ferramentas e têm tarefas repartidas entre eles mesmos; isso tudo a despeito de serem "animais quadrúpedes" que vivem longe do homem⁶. Os menos semelhantes aos seres humanos em termos de comportamento são aqueles que existem somente "para destruir", o que significa que são nocivos ao homem, como os insetos, cobras e diversos pássaros. O fato de levar uma vida muito diferente daquela do habitat do homem, também torna os peixes e as aves menos parecida com os seres humanos.

A CLASSIFICAÇÃO POPULAR DA FAUNA E DA FLORA

O sertanejo agrupa todos os seres vivos em amplas classes chamadas "raças" para os animais e "tipos" para as plantas. Estas, por sua vez, podem ter subgrupos chamados "famílias" que, por sua vez, consistem em "indivíduos" ou membros de "família". Alguns "indivíduos" importantes têm, além disso, subcategoria chamadas "tipos" para animais e "variedades" para plantas (Quadro 1). Esta repartição da natureza corresponde à diferentes níveis na taxionomia biológica científica. "Raça" e "tipo" são classes gerais que englobam vários níveis, desde reino à ordem, enquanto os outros níveis populares correspondem razoavelmente aos níveis biológicos. "Família" corresponde à família e gênero, "indivíduo" à espécies e "tipo" e "variedade" à subespécies e variedades, respectivamente.

Os termos usados para as classes na taxionomia popular do sertão refletem o prisma da sua cultura. Os termos "é da família tal", "família" e "raça", são usados na mesma maneira que diferenciam graus de parentesco no sertão. Na sociedade humana os indivíduos são membros de uma determinada família nuclear e eles também pertencem a famílias maiores (parentelas) muitas vezes chamadas "raças"⁷. A onça é um "cachorro", (uma raça de animais) na mesma forma que Zé Sampaio é um indivíduo da raça Sampaio (uma parentela). Do mesmo modo, os laços de semelhança entre os membros de uma classe geral de animais seguem a mesma lógica daquela entre parentes distantes, no sistema de parentesco cognato do sertão. Por isso a onça é um "gato" que faz parte da classe geral de "cachorros", que também inclui cachorros propriamente ditos. Gatos e cachorros têm algumas características em comum, da mesma maneira que Sampaio de Parnamirim e Sampaio de Exú, mas ao mesmo tempo, são apenas primos distantes.

QUADRO 1 - ESTRUTURA DA TAXIONOMIA POPULAR E CIENTÍFICA

Taxionomia popular

fauna	raça	família	membro	tipos
exemplo: bichos-animais-cachorros		gatos	onças	onça preta onça pintada onça maçaroca onça vermelha
flora	tipo	família	membro	variedade
exemplo:	paus-capim	canas	cana-de-açúcar	cana-caiana cana-preta cana-fita cana-piojota

Taxionomia científica

fauna	reino	ordem	família	gênero	espécies	subespécies
flora	reino	ordem	família	gênero	espécies	variedade

QUADRO 2 - CLASSES GERAIS DA TAXIONOMIA POPULAR

bichos	animais
	insetos
cobras	
pássaros	
peixes	
paus	paus
	rama
	capim
	cultivos

De qualquer forma, considerações de parentesco à parte, na taxionomia popular no mundo todo, é comum reconhecer vagamente as classes gerais enquanto as classes específicas são bem definidas. Por questões de relevância prática, o sertanejo está mais interessado em famílias, indivíduos e tipos com os quais tem contato, do que em noções gerais de raça, nas quais ele pouco pensa ou delas faz uso.

Também ligado a isso é o fato de que não se deve enfatizar a idéia de uma ordem rigorosamente hierárquica nesse sistema, de níveis de classes seguindo uma lógica de inclusão e exclusão. Na prática, muitas "famílias" têm somente um indivíduo e, assim, uma boa pergunta a ser feita, é; se o nome do animal em tal situação é realmente usado do mesmo modo no nível de família. Por outro lado, muitos dos "indivíduos" que são importantes para o povo têm numerosos "tipos" conhecidos, de modo que os tipos são, às vezes, quase que colocados no mesmo nível dos indivíduos, de forma que sobem de nível. Algumas categorias gerais também enfrentam este problema até nos níveis mais altos do sistema. Enquanto as classes de "insetos" e de "animais" são incluídas na classe geral de "bichos", as "cobras", os "pássaros" e os "peixes" não o são. Os últimos estão no nível de

bichos e animal/inseto, simultaneamente, ou para eles não existe categoria geral, como "bicho" (Quadro 2). Por outro lado, os "paus" (árvores), quando usadas no sentido mais amplo, constituem uma categoria que inclui todo tipo de vida das plantas (ao contrário da categoria bicho) e o termo é sucessivamente empregado em níveis diferentes, desde o genérico ao particular, com seu sentido cada vez mais restrito.

Vemos que categorias intermediárias são ausentes para certos setores do esquema de classificação popular, permanecendo simples, enquanto categorias mais específicas podem ser magnificadas e seu status ser elevado a níveis mais gerais. Como mostram Berlin et alli. [1969 (1966)] e Tambiah (1969), esse processo reflete o interesse relativo de um povo para as diferentes espécies em questão, ou seja, quanto maior o interesse numa espécie, tanto mais a sua subdivisão em subespécies e variedades por um lado, e sua elevação de nível por outro.

Quando se trata de características que distinguem uma classe de seres de outras do mesmo nível, nota-se que as classes gerais de "raças", e "tipos" são diferenciadas umas das outras por critérios como aparência física, maneira de locomoção, habitat e certos padrões peculiares de comportamento. Os "animais" têm pêlo, esqueletos e amamentam seus filhotes. Os "insetos" possuem cascos externos ou peles grossas, abrangendo todos os pequenos "bichos" (os mamíferos menores), a maior parte dos répteis, anfíbios e insetos. As "cobras" não têm pernas e rastejam no chão. Elas são parecidas com insetos, mas não tendo pernas, não são consideradas "bichos". Os "pássaros" têm penas e voam. Os "peixes" têm escamas ou pele grossa e vivem na água. Os "paus" produzem a madeira e crescem alto. A "rama" não dá madeira e se espalha pelo chão. O "capim" produz a palha somente, cresce em moitas, propaganda e abre-se para cima. "Cultivos são plantados pelo homem, produzem grãos e frutas, mas não produzem madeira.

As categorias mais específicas de "família", "indivíduo" e "tipo" (para animais) ou "variedade" (para plantas) são principalmente diferenciadas umas das outras por características de tamanho, cor, formato do corpo (especialmente da cabeça), cheiro, hábitos peculiares de alimentação e velocidade de crescimento. É a combinação de todas estas características que torna uma espécie única. Assim, várias espécies têm traços em comum, e ao mesmo tempo, são distintas entre si pelas características particulares de cada uma.

É interessante notar que certas espécies contradizem os princípios de classificação de seu grupamento, como baleias, palmeiras e frutíferas, mas não recebem nenhuma consideração especial de admiração ou de abominação no sertão como Douglas (1966) nota para o povo Lele da África e para os Israelitas da Antiguidade. No sertão, nota que tais exceções são diferentes e cita outra

característica da espécie em questão que anula a característica contraditória. As palmeiras, por exemplo, não possuem "madeira" mas, mesmo assim, crescem alta como as outras árvores. Da mesma forma, baleias são "peixes" porque vivem no mar.

Há um número de paralelos entre as categorias gerais e sua definição na taxionomia popular do sertão e na Europa. Dessa observação é possível levantar a hipótese de que o sistema foi introduzido na época da Colonização e que as espécies nativas foram apenas inseridas nas classes européias da mesma maneira que acontece hoje com animais exóticos, vistos só no circo. Douglas (1975) e Leach (1964) descrevem as categorias gerais européias de "inseto" e "cachorro" de forma idêntica as do sertão. As classes gerais do sertão, e seus critérios de diferenciação, muito se parecem com as encontradas na filosofia natural de Platão e Aristóteles, como também com aquelas identificadas na Bíblia por Douglas (1966), fontes essas de grande influência na formação do pensamento europeu. Isso também poderia explicar certas semelhanças com a taxionomia científica, pois Hodgen [1971 (1964)] afirma que esse sistema surgiu do esquema desenvolvido por Linnaeus que, por sua vez, se baseia na taxionomia popular européia.

Contudo, existem limites espaciais a um modelo difusionista desse gênero e é difícil imaginar como se podia ter adotado um sistema comum entre formações sociais tão diferentes, em meio-ambientes dos mais variados, particularmente se considerarmos o fato de que as classes gerais, senão suas características, são quase as mesmas que daquelas encontradas em pesquisa semelhante, em sociedade não-européias distantes como Brown (1979) e Witkowski, et. alli. (1981) relatam. Daí se conclui que se deveria pesquisar a respeito da existência de classes universais, baseadas em fenômenos que são percebidos igualmente por todos os seres humanos. Características gerais, como o tipo de pêlo, amamentação dos filhotes, o número de patas, cascos externos e duros, e viver na água, são características que podem ser facilmente vistas por todos os povos, sem importar o tipo de cultura em que vivam.

No nível de classes gerais é possível falar-se em categorias universais, mas isso não acontece quando se trata das classes mais específicas, de experiência diária, que apresentam uma grande variação de povo a povo, o que evidencia especificidade cultural nos níveis básicos das taxionomias. Por exemplo, Berlin et. alli. [1969 (1966)] constatam que a classificação de plantas dos Izeltal, um grupo de ameríndios-camponeses do México, demonstra maior grau de discriminação do que a própria classificação botânica científica, quando se trata das plantas que são culturalmente significativas ao seu modo de vida, enquanto acontece o oposto para plantas menos significativas. Hunn (1982), por sua vez, afirma que tal discriminação variável é comum aos sistemas populares de muitos

povos e que grupos e espécies são reconhecidos em menores ou maiores detalhes, de acordo com a utilidade cultural de cada um.

O sertão não foge dessa regra. Há maior número de subcategorias para "indivíduos" que são considerados mais úteis e mais semelhantes ao homem em comportamento e aparência, e isto explica por que há numerosos "tipos" de espécies de animais importantes. A classificação de peixes e pássaros, por sua vez, não é tão elaborada nem tão bem organizada como a dos animais. Também o mesmo acontece entre os animais. Muitos "tipos" de cachorros (próprios) são reconhecidos, enquanto gatos domésticos não são diferenciados, o que é explicado porque os últimos têm pouco valor prático para o sertanejo. Os cachorros trabalham para seus donos, ajudando na caçada, montando guarda nas casas e dando sinal, quando há intrusos humanos ou selvagens. Tudo que os gatos fazem é caçar ratos, quando condescendem em fazê-lo. O gato é comparado a vagabundos, porque passa a maior parte do seu tempo dormindo de dia e perambulando, à toa, à noite. Por outro lado, muitos gatos selvagens são reconhecidos, pois são caçados por causa de sua pele, cujo valor varia de acordo com espécie e subespécie. Semelhantemente, na flora, numerosas variedades de cultivos são reconhecidas, enquanto uma diferenciação pouco elaborada é feita para a maior parte das espécies do mato.

ANIMAIS MANSOS E ANIMAIS BRAVOS

Há uma maneira alternativa, e mais restrita, de classificar animais de maior porte, dividindo-os em animais mansos e bravos. Este esquema, por sua vez, faz um corte transversal nas classes relacionadas acima, com critérios para agrupamento de natureza bem mais utilitários. Além disso, o sistema é diretamente relacionado à divisão espacial de esferas humano-sociais e esferas naturais-silvestres, de forma que os animais são agrupados em classes de acordo com a maneira como o homem consegue dominar e transformar os diferentes fenômenos do meio ambiente, para deles tirar proveito. Estar perto do homem é sinônimo de ser útil a ele. Os animais que não podem ser domesticados, são considerados bravos. Eles não podem ser criados pelo homem, não se reproduzem no curral e nem mesmo se aproximam do homem. Somente quando morrendo de sede, se aventuram eles a se aproximar da casa para beber água em alguma cacimba.

É conveniente enfatizar que as classes de animais mansos e animais bravos são apenas tipos de contrastes ideais, e não constituem uma oposição binária como um estruturalista podia supor. Há uma gradação entre os dois, de acordo com a proximidade física do animal ao homem. Decorrente da pecuária extensiva do sertão, surge uma classe intermediária de animais domésticos bravos. Mesmo

hoje em dia, muitos bois, cabritos, carneiros e cavalos pastam à solta na caatinga, embrenham-se pelo mato e lá ficam por longos períodos. Têm eles pouco contato com o homem e na verdade, tentam evitá-lo. Eles assumem características de mais bravos e são conhecidos como tais, como por exemplo, "gado bravo" em oposição ao "gado manso", que fica mais perto das residências. Com os primeiros, é preciso "lutar" para que cumpram suas ordens. Apesar disso, ainda são animais domésticos, podendo ser domados, o que não é o caso dos verdadeiros animais bravos do mato.

As vacas leiteiras, cavalos e cachorros estão mais próximos do homem e têm, a longo prazo, um relacionamento de maior cooperação com ele. Por isso, eles recebem nomes individuais, embora não sejam nomes de seres humanos, o que poderia ser insultuoso para as pessoas com esses nomes. O gado semi-bravo do campo não recebe nome. Nem os burros, geralmente tão teimosos que precisam ser laçados e obrigados a trabalhar. São meramente chamados de "burros" e à sugestão de que se possa dar nome a algum, provoca risos, pois este animal é sinônimo de falta de inteligência.

Estes hábitos comprovam, pelo menos para o sertão, a tese de Lévi-Strauss [1966 (1962)], de que nomes individuais são usados quando a relação entre o homem e o animal é "subjetiva", enquanto nomes coletivos, de grupos, são usados quando o relacionamento é do tipo "objetivo". O primeiro tipo de relação é de uma intimidade a longo prazo, onde vínculos afetivos podem surgir de uma forma quase-humana, enquanto o segundo tipo é de uma convivência curta e estritamente utilitária. Entretanto, não devemos nos envolver emocionalmente a esse respeito, pois cavalos e vacas são ainda tratados rudemente. São animais de trabalho rural e não de estimação da cidade. Levam ponta-pés, apanham e são esporeados para cumprirem as ordens advindas do homem.

A RESPEITO DO HOMEM E DO ANIMAL

Para um sertanejo, o que torna o homem um ser à parte dos outros seres não é apenas a aparência física ou considerações de utilidade. O homem pode andar com duas pernas, mas os pássaros também o fazem. É claro que o homem não possui asas, mas para o sertanejo contemporâneo as características exemplares, que o tornam completamente diferente, são seu poder de inteligência e sua capacidade de falar. Ele pode adquirir conhecimentos e assim melhorar sua vida. É por meio desta capacidade que ele tem feito descobertas ao longo do tempo e criado cada vez maior distância entre eles e o resto dos seres da natureza. Não foi sempre assim. Informantes idosos falaram de uma época distante e fabulosa na qual os animais tinham comportamento humano incluindo a capacidade de falar, e os homens viviam em igualdade com os animais. Os animais, um a um,

sofreram desgraças, que os transformaram nas suas formas atuais, enquanto o homem através de sua inteligência, aos poucos, foi consolidando a sua posição de superioridade.

Além disso, existe o "comportamento de gente", ou seja, normas de comportamento social, que é outra maneira de comparar e salientar o contraste entre o homem e o animal no sertão. O comportamento e a aparência de certos animais são considerados iguais àqueles de certos seres humanos e isso gera comentário sobre o comportamento humano que é considerado anormal, seja de maneira positiva, seja negativa (Tabela 1).

Geralmente as metáforas são empregadas em brincadeiras, mas podem ser um insulto agressivo quando pronunciadas numa determinada entonação de voz. Algumas são favoráveis, tais como: "ágil ou rápido como um gato do mato" ou "minha ovelhinha" para uma namorada. A maioria, contudo, é desfavorável, significando que o procedimento de alguém, de certo modo, não é humano, nem seu aspecto parece sê-lo. A censura mais óbvia é chamar um indivíduo de "animal" por causa de um ato anti-social. Outras comparações humano-animal têm significados mais sutis e de referência local. Chamar alguém de "cachorro(a)" significa que ele ou ela sempre está disputando, ou é sem vergonha no sentido de ser uma prostituta ou vagabundo. O "macaco" é covarde e foge de tudo, o que é um procedimento oposto ao que se espera de um macho sertanejo. Ter um "corpo de sapo" é ser realmente feio. Ainda há algumas expressões, como cascavel, jararaca e bode, que invertem o sentido negativo encontrado em outras regiões do país. Não se escuta "bode velho" e sim "bode, pai de chiqueiro" (que tem muitas mulheres).

O comportamento de certos animais, particularmente a respeito de seus hábitos alimentares, que determina se são apropriados para ser alimento humano, os levam a ser considerados nojentos. Assim sendo, servem como metáforas perfeitas para condenar comportamento anti-social. O sertanejo é muito cauteloso com aquilo que come e fica muito enojado com espécies que comem ou vivem perto de carcaças, excrementos e outras substâncias podres. Idealmente, o homem come somente aquilo que subsiste em vegetais vivos ou secos. Se um animal come outros animais, insetos, pássaros ou plantas em decomposição, o homem não o comerá⁸. Os predadores e aves de rapina de vez em quando comem tais "porcarias". A idéia é análoga àquela de envenenamento, no qual uma substância nociva penetra no corpo por ingestão. Estes animais são considerados transmissores e comê-los fará mal ao homem, pela transmissão da doença ou veneno com os quais tiveram contato ou ingeriram. Aquilo com que o urubu se alimenta pode ter morrido de alguma moléstia, ou seu corpo em decomposição pode ter sido contaminado por substâncias nocivas, daí o fato de que comer um

urubu fará alguém doente, do mesmo modo que faria o fato de ingerir uma ema, pois essa come cobras.

TABELA 1 - METÁFORAS HUMANO-ANIMAIS

animal	expressão	significado	atitude
BICHOS			
leão	"um leão", "Leão"	valente	+
onça	"uma onça", "virar uma onça"	só anda de noite ficar bravo	-
gato do mato	"ligeira só um gato"	veloz, ágil	+
cachorro	"um(a) cachorro(a)"	briguento promíscua- solteiro com muitas amantes é sem palavra se mete onde não é chamado	-
	"trabalhar com um cachorro"	trabalhar em excesso	-
	"um cachorro para ser chutado"	ser maltratado	-
macaco	"pulando como um macaco"	pular quando dança	-
mico	"um mico"	negro	-
		pessoa feia com orelha grande	-
porco	"um porco"	come qualquer coisa	-
paca	"gordo como uma paquinha"	gordinho	+
bode	"bode pai de chiqueiro"	viril	+
ovelha	"calado como uma ovelha"	não protesta	-
veado	"um veado"	homossexual	-
vaca	"uma vaca"	dá parto todo ano	-
	"andar como uma vaca cansada"	andar arrastando de cansado	+/-
vaca holandesa	"uma vaca holandesa"	produz muito leite materno	+/-
cavalo	"um cavalo"	carência de inteligência	-
égua	filho de égua"	filho de mulher promíscua	-
burro	"pio do que um burro"	carência de inteligência	-
jumento	"pio do que uma jumenta"	sem inteligência alguma	-
INSETOS			
caranguejeira	"andar como uma caranguejeira"	andar para trás, sem sorte	-
barata	"não pede sangue de barata"	não pede o impossível	-
sapo	"um sapo"	preguiçoso	-
cururu	"corpo de cururu"	corpo feio e mal feito	-
besouro	"um besouro"	fala grosso, valente	+
abelha	"uma abelhinha"	mulher trabalhadora	+
mosca	"como uma mosca voadora"	não fica fixo	-
moriçoca	"ficar do tamanho de moriçoca"	ficar apavorado	-

grilo	"Zé Grilo"	magro	-
cigarra	"cantar igual uma cigarra"	cantar muito	+/-
teiú	"ser todo teiuzado"	correr de medo	-
preá	"macho como preá"	ter órgãos sexuais grandes	+
mocó	"um mocó do mato"	caipira	-
rato	"um rato"	ladrão de casa	-
cassaco	"um cassaco"	trabalhador de estrada	-

COBRAS

cobra	"comer como cobra"	comer sem mastigar	-
cascaivel	"uma cascaivel"	valente	+
jararaca	"Jararaca"	valente	+

PÁSSAROS

passarinho	"criança é passarinho"	criança gosta de fruta	neutro
beija-flor	"um beija-flor"	não pára	-
coruja	"feio como uma coruja"	tem boca grande demais	-
garça	"alvo como uma garça"	ser uma pessoa muito branca	+
socó	"corpo de socó"	ter corpo comprido demais	-
saracura	"uma saracura"	não tem "traseiro"	-
papagaio	"agarrado como papagaio no arame"	avarento	-
urubu	"quieto como um urubu"	quieto demais	-
	"lugar que só urubu pisa"	lugar inacessível	-

PEIXE

piranha	"piranha infeliz"	criança que rasga sua roupa	-
---------	-------------------	-----------------------------	---

CAPIM

pé-de-papagaio	"apegado como pé-de-papagaio"	muito apegado a uma pessoa	+
----------------	-------------------------------	----------------------------	---

Fonte: Pesquisa de campo.

O arquétipo do animal nojento é o porco, que os sertanejos usam como sinônimo para descrever outros animais asquerosos tais como os urubus, gaviões, "gatos do mato", raposas, sapos, a maior parte dos insetos e aves "de bucho". Além disso, ainda se abusa do pobre porco para denominar "porcaria" todo escremento humano. Leach (1964) mostra como esse tipo de comparação de sujeira humana com um animal visto como sórdido é comum a diversos povos. No sertão, o porco é considerado um exemplar de bicho repulsivo porque sendo um animal doméstico, é o bicho repugnante que mais comumente se vê.

O porco é criado por sua carne, que é comida no sertão, o que parece ser uma contradição ao seu status de animal repulsivo. O maior problema é com

porcos da cidade e não com aqueles das fazendas. Porcos criados à solta na cidade acabam comendo lixo e chafurdando nos esgotos e fossas abertas, por falta de outros lugares úmidos. Por entrar em contato e ingerir tal sujeira, pode contagiar a pessoa que come um animal tão "imundo". Para evitar isso, muitos porcos são criados em chiqueiros e as pessoas que podem só comem carne de porco quando sabem qual a procedência do animal⁹. É interessante notar que em áreas mais úmidas do sertão, cria-se e consome-se um grande número de porcos onde há lugares alternativos para se meterem em vez de fossas e onde existe maior produção de cereais e seus derivados, propiciando-lhes comida decente. Os habitantes do resto das outras zonas do Nordeste, que são mais úmidas, não demonstram a mesma aversão à carne de porco, como se vê no sertão.

Há duas explicações rivais sobre a repugnância de porcos no Oriente Médio que são relevantes para nossa análise do porco no sertão, por também ter clima semi-árido e árido. Douglas (1966) levanta a hipótese de que os israelitas bíblicos consideravam nojento o porco e alguns outros animais, porque estes contradiziam seu sistema de classificação natural. Harris (1974), por sua vez, contesta essa posição e afirma que o porco é odiado no Meio Oriente porque é difícil de criar em áreas áridas. Representa um competidor com o homem, pois é necessário alimentá-los com cereais escassos, que são mais bem aproveitados quando ingeridos diretamente pelo homem e não indiretamente através da carne suína.

Conclui-se que nenhuma das duas hipóteses é adequada ao sertão. É verdade que se criam menos porcos em áreas mais áridas do sertão e exatamente por causa das limitações ecológicas de água e cereais para alimentá-los. O porco pode também causar atritos sociais. Como o sistema de cercamento prevalente no sertão é bastante precário, o porco facilmente invade as roças, causando sérios prejuízos e conflitos de vizinhança. Quando criados de forma caseira, em simbiose com o homem, são presos perto da casa da fazenda e alimentados com restos de comida, palha de arroz e sôro, ou seja, alimento não consumível pelo homem. Harris está correto quando afirma que no caso de escassez de cereais, em zona problemática para esse tipo de produção, alimentar o porco o ano todo com cereais está fora de cogitação. Contudo, o porco no sertão não representa um competidor direto do alimento humano. Além disso, existe apenas uma conexão indireta e interseccional entre as condições do meio-ambiente, a dificuldade de criação de porcos e a atitude de nojo ao porco. O meio-ambiente dificulta a criação de porcos e a falta de água faz os porcos chafurdarem-se nos esgotos, mas é este hábito, e não a dificuldade de criação em si, que leva o sertanejo à sua aversão ao porco. As teorias gerais de Douglas (1966) sobre poluição e contágio, a respeito de comida adequada ao homem, melhor explicam a aversão aos porcos no sertão, embora sua explicação específica do porco como espécie contraditória à classificação natural não tenha a ver, no nosso caso.

ENTRE O HOMEM E O ANIMAL

Há um grupo de criaturas que nunca foram mencionadas no conjunto dos animais do mato: caipora, animais encantados, "lobisomens", "bruxas", e "vira-bichos". Estes seres formam uma classe à parte assim como o homem, mas podem ser vistos como uma classe intermediária entre o homem e os outros animais. Eles misturam, confundem e até transformam as características de homem e animal de tal maneira que não é coincidência seu comportamento ser considerado imprevisível, sendo comum eles fazerem brincadeiras de mau gosto ou até atacar pessoas.

Algumas destas criaturas são bastante semelhantes ao homem em aparência e comportamento, embora tenham outras características próprias de animais que os diferenciam dos homens. Muitos deles também assemelham-se aos espíritos. Isto explica porque nunca se referem a eles quando falam em seres vivos, pois vários deles são imortais. São muito temidos, mas não por suas brincadeiras desagradáveis, e sim por seu aspecto de espírito porque com todo espírito, sempre há a possibilidade de ser levado embora deste mundo para o outro. Apesar disso, são considerados seres deste mundo, mas de lugares longe do homem, tudo isso fazendo deles criaturas bastante ambíguas¹⁰.

Um destes seres é o caipora, espírito do mato cuja crença é de origem indígena¹¹. É o guardião invisível dos animais que vivem nas matas e é inimigo declarado do homem. Diz-se que ele ataca caçadores e cães e só não o faz quando se lhe oferece fumo, que ele adora. Os caiporas têm aparência humana feminina. Eles, ou melhor elas, vivem nas serras despovoadas, longe do homem, comem fruta em vez de carne, dormem no mato com os animais e não usam roupa. É interessante notar que, no agreste, uma paisagem nordestina bastante domesticada, onde restam poucos animais do mato, o caipora ataca o gado, o que pode ser interpretado como ataque aos competidores dos últimos dos seus protegidos silvestres.

Os animais encantados são outro tipo desses entes. Eles vivem em lugares de difícil acesso, longe dos homens e independentes deles, como fazem os cavalos d'água e os carneiros de lã dourada das serras desabitadas. Seduzem o gado para que abandone o rebanho, levando-o para suas moradias distantes. Diferem dos outros animais por morar num "habitat" que é completamente diferente, como, por exemplo, cavalos que vivem em baixo d'água ou têm aspecto físico diferente, como o carneiro de lã dourada.

"Lobisomens", "bruxas" e "vira-bichos" são seres humanos mortais, que assumem as formas ou os hábitos de animais. Em noite de lua cheia, "lobisomens" e "bruxas", respectivamente homens e mulheres, se transformam

em criaturas cabeludas com aparência de porcos¹². Durante a noite têm que correr sete freguesias e no seu caminho podem assustar ou até atacar humanos. Um "vira-bicho" é um homem de aparência normal que, de repente, assume hábitos animais como, por exemplo, comer carne crua. O pesquisador assistiu ao espetáculo de um homem ser preso em Belém do São Francisco por ter, primeiro, matado e comido cru um gato e, mais tarde, no mesmo dia, ter começado a comer a cabeça de um cabrito no açougue municipal, comportamento esse de "vira-bicho".

Essas criaturas têm em comum um comportamento considerado anti-social, como o de atacar os vizinhos, ou não-humana como o de comer carne crua. Originalmente sofreram transformação por terem praticado atos anti-sociais, como casar com padres, batizar crianças ilegítimas, ou abandonar suas mulheres para viver com outras mulheres casadas. Como no caso dos ditados empregando metáforas humana-animal, a crença nesta categoria de criaturas serve para delinear comportamento humano aceitável. A transformação homem-animal representa um castigo para quem ultrapassa os limites das normas sociais e o transgressor passa a viver como animal.

NO MEIO-AMBIENTE DA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL DO SERTÃO

Já vimos que o sertanejo só posiciona à parte de mato, criando e expandindo ativamente um domínio humano que é organizado em seu próprio benefício. No máximo de sua capacidade, o homem manipula o seu meio ambiente a fim de propiciar a existência somente de fauna e flora que lhe sejam úteis. Ele transforma o mato em roças e pastos e por ele penetra caçando, reunindo e criando seu gado lá. O grau de transformação ambiental do sertão, porém, varia bastante. De acordo com o sistema agrícola prevalente em diferentes partes da zona, derruba-se mais ou menos mato, modifica-se mais ou menos o terreno e utiliza-se mais ou menos os insumos industrializados para trabalhar o solo. Pecuária extensiva de criação à solta na caatinga modifica pouco o meio-ambiente, enquanto a irrigação capitalizada leva a uma re-estruturação radical do meio-ambiente, implantando uma paisagem em moldes industriais. Contudo, não se deve cair em colocações simplistas e romantizar os sistemas campestres do uso da terra que ainda predominam no sertão, e assim subestimar seu impacto no meio-ambiente. Poderia parecer que a maioria dos sertanejos não conseguiu dominar seu meio ambiente, quando se consideram os problemas persistentes de seca e subdesenvolvimento. Entretanto, quando comparado ao sertão do começo deste século, houve muitas modificações, particularmente na fauna. Os principais fatores de mudanças têm sido o aumento da população e a maior articulação com os mercados nacionais e internacionais.

Os sertanejos intencionalmente efetuaram muitas modificações no meio ambiente, mas nele tiveram também mudanças independentes de sua vontade, como se pode perfeitamente imaginar. Os criadores sempre tentaram eliminar aqueles animais que podem ser nocivos tanto a eles quanto à sua criação. As onças e outros felinos do mato e as aves de rapina, especialmente, são caçados, pois matam muitos animais da fazenda, além de atacarem os homens, em algumas ocasiões. Além disso, os fazendeiros reconhecem que sua mera presença obriga certos animais inofensivos a deixarem a área mais próxima da residência e da atividade humana. Sabe-se que as abelhas silvestres e os macacos são especialmente adversos a viver perto de habitações humanas e são encontrados somente na mata virgem e montanhas desabitadas.

Entretanto, a caça comercial é apontada como a principal responsável para dizimar certas espécies da fauna na circunvizinhança de zonas habitadas. Hoje em dia, animais de caça só se encontram em regiões distantes do homem. Isto contrasta enormemente com o princípio do século, quando onças e veados passavam perto das casas de fazenda, que eram distantes umas das outras, naquela época. O que transformou a caça de necessidade em caça comercial, a ponto de extinção de várias espécies, foi a criação de um mercado de peles que surgiu quando as estradas foram construídas e ampliadas na zona semi-árida de 1930 para cá. As estradas levaram a articulação do sertão à mercados distantes. Na fase de obras juntou-se um grande número de operários e estes caçavam tanto para melhorar sua dieta como para aumentar seus rendimentos com a venda de peles. Assim, diz-se que os habitantes locais aprenderam a caçar com mais assiduidade e não apenas ocasionalmente, para sua subsistência ou para eliminar um predador de seu gado, como o faziam anteriormente. Os animais foram cada vez mais perseguidos, principalmente por suas peles ou penas e freqüentemente a carne era abandonada, sem ser aproveitada, particularmente quando era de felinos, emas e raposas, que não são considerados comida própria. O crescimento da economia com o fim de gerar renda monetária também criou um mercado local para a carne de caça, de algumas espécies, como o tatu, passando a ser comida de luxo. Alguns dos informantes chamaram atenção para o fato de que o preço da carne do tatu ficou tão alto, que os caçadores perseguem até os filhotes, e em breve não haverá mais um só.

O desaparecimento da caça teve efeito um tanto desfavorável na mobilidade social, tornando mais difícil para os vaqueiros pobres juntar o seu capital e se tornar um criador próprio. No passado, os mais respeitáveis fazendeiros jamais se rebaixariam a caçar, mas a caça como fonte de carne e alimento era importante para os "vaqueiros de sorte". Não abatendo seus próprios animais (que recebia como forma de pagamento), eles poderiam conservá-los e assim era mais fácil aumentar seu pequeno rebanho, até poderem comprar terras e se tornar proprietários. O comportamento das classes sociais também mudou.

Agora os funcionários públicos e outros indivíduos de posição social elevada das cidades consideram a caçada um grande esporte. Eles têm veículos e meios de pagar o combustível para terem acesso a lugares mais longínquos, onde a caça ainda pode ser encontrada em abundância.

Maior potencial para a modificação do meio ambiente é encontrado na expansão das terras agrícolas. Na medida em que aumenta a população e sua articulação à economia nacional, expande-se a área de lavoura, que implica maior desmatamento, modificação de terrenos e extinção de animais silvestres por perderem seu *habitat*. Nos últimos cinquenta anos, houve uma queda brutal no tamanho das propriedades sertanejas, em função do crescimento demográfico, ao mesmo tempo em que aumentou a necessidade de comprar maior número de produtos de fora, em detrimento das atividades de artesanato de tempo parcial, no sertão. Isso levou a uma especialização "forçada" apenas em atividades agrícolas e a conseqüente necessidade de abrir maior área de roças, em terrenos marginais à lavoura.

É claro que tal prática repercute na vegetação local. Mesmo na agricultura de queimada, uma vez cortada uma roça no baixio, certas árvores de grande porte tais como baraúna, quixabeira e juazeiro não brotam novamente, mesmo que essas terras sejam colocadas em longo pousio¹³. Dessa forma, a agricultura, juntamente com o abate de árvores para a crescente demanda de madeira, diminuíram as espécies de maior porte. Além disso, diminui cada vez mais o tempo de pousio das roças e se implantam mais pastos artificiais de baixio, em função da fragmentação de propriedades rurais, de forma que perto dos rios o mato é cada vez mais aparado. Entretanto, o baixio ocupa pequena área no conjunto dos terrenos do sertão e o resto das terras permanece, mais ou menos, coberto de caatinga, de acordo com a possibilidade de praticar lavoura ou plantar pastos artificiais nos terrenos interfluviais, que por sua vez, dependem das condições climáticas e pedológicas locais.

Nas áreas tipicamente sertanejas, cerca de metade da área da zona semi-árida, com precipitação pluviométrica inferior a 600 mm anuais e com solos pobres, pratica-se a pecuária como atividade agrícola predominante. No passado, cercava-se apenas uma pequena área de roça no baixio e, mesmo assim, só numa minoria deste. Hoje, o baixio todo está cercado e utilizado para roças e pastos plantados. Como, nessas zonas, o baixio restringe-se de 55% a 10% da área total de uma propriedade, o desmatamento, e a conseqüente redução da flora e fauna, ainda é bastante limitado. Assim sendo, os interflúvios permanecem cobertos de caatinga e só existem pequenas áreas desmatadas para facilitar o crescimento de capim nativo ou para o plantio de palma forrageira e novas pastagens artificiais apropriadas a essas áreas, como o capim búfalo (*Pennisetum cliare*).

Já em áreas com precipitação pluviométrica de 600 mm a 800 mm, aproximadamente 13% do sertão, há muito, abrem-se roças tanto no baixio como fora do aluvião, e, assim, planta-se maior área na caatinga. Entretanto, os solos dos interflúvios têm baixa fertilidade e, por isso, necessitam de maior tempo de pousio do que os do baixio. É preciso deixar a terra em descanso por seis a dez anos, o que faz com que ainda se encontre grandes áreas em mata secundária. Atualmente, porém a lavoura está recuando frente à pecuária bovina especializada. De meados de 1970 para cá, com problemas de mercado e de praga no algodão há uma tendência de manter áreas de pastagens nos interflúvios em vez de permitir o crescimento da mata secundária. A progressão dessa tendência, portanto, representará uma profunda modificação do meio ambiente.

Áreas montanhosas, com chuvas regulares superiores a 800 mm, perfazem cerca de 37% da área do sertão. As possuidoras de solos de boa qualidade geralmente são bastante modificadas e domesticadas nos padrões da zona do agreste ou mesmo nos da zona da Mata do Nordeste. Alí predomina a lavoura de sequeiro e, em algumas áreas, a pecuária semi-intensiva. Onde há lavoura, encontram-se problemas de fragmentação da terra, fertilidade em declínio e êxodo rural comum à pequena produção campesina deprimida de áreas do Nordeste. Onde a pecuária semi-capitalizada é mais expressiva, existem enormes problemas de ordem econômica e social, como o desemprego em massa e o êxodo rural, e problemas ambientais decorrentes do extenso desmatamento e do plantio de pastos permanentes em campos especializados.

A irrigação representa a maior transformação do meio-ambiente, e quanto mais intensiva em capital tanto mais radical é a transformação. Isso acontece porque a irrigação não se limita apenas ao desmatamento e cultivo de roças temporárias. A irrigação pode eliminar a necessidade do pousio da terra, de forma que só cresce erva daninha na capoeira. Pode também provocar a reestruturação total de terrenos e de solos. As roças irrigadas são muito maiores do que roças da lavoura de sequeiro, tanto assim que afastam para longe o domínio natural. É comum o irrigante de certas áreas privilegiadas concentrar suas atividades na lavoura e abandonar totalmente a pecuária de caatinga, de maneira que tem pouco contato com áreas silvestres. Essa tendência porém, é menor na irrigação de pequena escala dos rios temporários, onde a falta de solos e água adequada à irrigação limita o potencial de especialização nesta atividade. Aí, onde a irrigação complementa atividades de sequeiro, exploram-se vários micro-ambientes e, portanto, ainda há o contato com áreas menos modificadas pelo homem.

A irrigação intensiva em capital nos projetos estatais, por sua vez, provoca modificação drástica do meio ambiente. Áreas enormes são desmatadas e sistematizadas, visando nivelar os terrenos ondulados do sertão. Há maior especialização de cultivos, até mesmo monocultura em alguns casos. Utilizam-se

defensivos e mecanização em grande escala e quase não há pousio da terra. Todas essas práticas decorrem de uma política de transferência de pacotes tecnológicos desenvolvidos para ambientes físicos e sócio-econômicos, como os da Califórnia ou de Israel, que são totalmente diferentes daqueles do sertão. Adapta-se o meio ambiente à tecnologia em vez de adaptar a tecnologia às condições do Sertão, como acontece na irrigação de pequena escala desenvolvida por agricultores locais. Os projetos de irrigação intensivo-em-capital repetem a agressão ao meio ambiente como outros grandes projetos do mesmo tipo, como o do Jari, na Amazônia, e acabam esterilizando grandes extensões de solos frágeis com o uso de tecnologia inapropriada. No caso do sertão, além do problema de afetar a fertilidade, também há o perigo maior de salinização. Aplicam-se insumos portadores de sódio em solos salinos regados com águas salinas. Paradoxalmente por sorte, existem poucas áreas no sertão com recursos hídricos e pedológicos apropriados à prática deste tipo de agricultura capitalizada, de forma que ela só representa ameaça ecológica em determinados lugares e não em toda a zona semi-árida.

No nível social a irrigação também representa fonte de maior potencial, capaz de levar a uma mudança fundamental de atitude frente ao meio ambiente. Com esta atividade, a ameaça da seca é quase totalmente sobrepujada e o meio ambiente não é visto de forma antagônica como na agricultura de sequeiro. Os agricultores que usam irrigação podem, muitas vezes, obter tanto dinheiro, que seus filhos são enviados para estudar nas capitais, ainda bem novos. Estes jovens criam gosto pela vida na cidade e geralmente acabam arranjan-do trabalho lá. Aqui estamos lidando com as bases da mudança das posturas antigas no seu contato com a natureza. Isto não quer dizer que essas pessoas desenvolvam uma visão "ecológica" para com a natureza, como algumas pessoas instruídas nas cidades. Ao contrário, tendo pouca familiaridade com o tipo de vida do campo e precisando vencer o estigma de suas origens "do interior", elas encarnaram a vida rural com desdém. Em breve terão o mesmo medo do mato que os habitantes das grandes cidades. Ao serem escolarizados, alguns podem receber idéias sobre ecologia, e criticar seus pais "ignorantes", por exterminar animais, porém jamais os conhecerão e apreciarão o mato como os caçadores antigos. Todavia, famílias inteiras, mudando-se para as capitais, abrangem apenas uma minoria da população, nos poucos lugares do sertão onde se pode praticar irrigação em escala especializada. A maior parte dos estudantes vai somente "terminar" sua educação na capital e assim, até que completem 15 anos de idade, permanecem no sertão.

A nível local, o aumento da escolaridade regular causou uma pequena mudança no modo pelo qual as pessoas vêem o seu meio ambiente. Quanto à maioria dos jovens, apesar de passarem boa parte do tempo estudando, ainda permanecem um tempo considerável com seus pais na fazenda, de modo que,

embora o contato deles com o mato possa ser reduzido, não é completamente abolido. Como não se dá ênfase à biologia nas escolas, sua maneira de pensar a respeito do mato é quase a mesma que a de seus pais. O ponto em que o jovem pode apresentar descrença refere-se à existência de seres espirituais e à veracidade das fábulas. Estes são tipos de conceitos tradicionais ridicularizados nas escolas como superstição ou mero "folclore".

CONCLUSÃO

Voltemos às nossas indagações iniciais: As transformações rurais ocorridas no sertão têm tornado o ambiente rural menos agreste e têm dado uma perspectiva diferente na relação do homem com a natureza? A zona semi-árida foi domesticada e o homem perdeu sua visão antagônica da natureza? Terá o termo *sertão* perdido seu significado de um lugar de grandes extensões de caatinga repleta de animais selvagens, como ocorreu na zona do agreste, no século passado?

A essas perguntas podemos responder: não. É verdade que a caça é rara nas partes mais populosas do sertão e que o mato tem diminuído nesses lugares, mas isso não ocorreu na maior parte do sertão e provavelmente não ocorrerá em futuro próximo. A população está crescendo, indiscutivelmente, mas não chega a ser com a rapidez que se nota em outros lugares do Brasil. O subdesenvolvimento e a seca se reforçam mutuamente, retardando o processo de transformação agrícola. A seca retém o desenvolvimento da agricultura de sequeiro, por periodicamente reduzir os rebanhos e frear a expansão das áreas de pasto artificial e de lavoura. Mesmo que as terras do baixio estejam cercadas, tê-lo-á sido algum tempo antes dos interflúvios estarem cercados completamente e com pasto plantado. As onças podem estar quase extintas, mas as cobras venenosas ainda são abundantes ali. O aspecto mais ameaçador de uma natureza instável é a própria seca e ela é uma característica perene do meio ambiente do sertanejo.

Assim, a despeito de todos os seus esforços para lutar contra um ambiente de clima desfavorável, os sertanejos não conseguiram modificá-lo totalmente e, desse modo, são ainda muito mais dependentes dos processos naturais do que no caso de uma economia industrial, ou mesmo da maior parte das outras economias agrárias. Vemos também que os sertanejos têm uma acentuada noção da presença do mato ao redor deles. Entretanto, isto não nos levou a crer que se sintam mais próximos da natureza por causa disto. Muito ao contrário. Como os sertanejos têm uma luta constante com o meio ambiente, fazem um enorme esforço para se separar dele, tanto física quanto conceitualmente. Isto é claramente observado na noção que têm do lugar superior do homem na sua visão do mundo. Sem dúvida, economias, urbano-industriais podem ser mais destrutivas em relação à natureza, mas, possuir uma tecnologia mais simples, não significa que o sertanejo se sinta integrado na natureza.

NOTAS

(1)—O termo cognição ambiental neste estudo, inclui a percepção do meio-ambiente e os conceitos utilizados na descrição do ambiente observado e percebido. Não é intenção retornar o debate filosófico e psicológico da percepção como resultado dos sentidos ou resultado de um processo cognitivo do indivíduo num contexto cultural em que se insere [cf. Hochberg, 1971; Lévi-Strauss, 1973; Kant, 1952 (1781)]. Ressalva-se, ainda, que este estudo lida com conceitos populares levantados em entrevistas, e não com dados levantados em experiências de laboratórios sobre a percepção de objetos, como se faz na Psicologia.

(2)—A cognição de espaço social e natural no sertão é tratada em Hoefle (1983).

(3)—Dirija-se a Werner (1873) e Crick (1976) para uma comparação detalhada das semelhanças e diferenças das duas escolas.

(4)—Matta (1978) fez uma bela análise de cognição do espaço na grande cidade brasileira.

(5)—Numa zona semi-árida, quando morre, um animal, esse não se decompõe por empodrecimento e, sim, por ressecamento. Euclides da Cunha [1933(1902)] ficou muito impressionado com esse processo, no qual os combatentes da Revolta de Canudos, mumificavam-se após sua morte nas batalhas.

(6)—Só recentemente primatólogos têm constatado essas semelhanças com o comportamento humano através de pesquisas no habitat natural das várias espécies estudadas (Jolly, 1972). Estes estudos poderiam ser enriquecidos com depoimentos sobre observações da população local. Caçadores sertanejos há muito tempo observaram macacos quebrando nozes de catolé com pedras (uma ferramenta) dividindo tarefas entre si (uma divisão de trabalho) e emitindo diferentes tipos de gritos em contextos específicos (quase como uma linguagem).

(7)—Flandrin [1979(1976)] nota um significado parecido do termo "race" na França Medieval.

(8)—É verdade que pássaros alimentam-se de insetos e minhocas, mas sertanejos alegam que isso ocorre apenas com pássaros de "bicho", e estes não são comidos pelo homem. Por outro lado, galinha e outras aves domésticas também podem comer insetos e minhocas, contudo seu alimento habitual, é milho e outros cereais. Pássaros que comem peixe são evitados. Entretanto, o sertanejo come peixe, mesmo sabendo que peixes comem peixe. Também, não dão importância ao fato de que peixe se alimenta de insetos.

(9)—Como Mencher (1974) observou sobre a questão do tabu à carne bovina na Índia, é comum entre populações pobres não poderem se dar ao luxo de comer apenas o que é considerado apropriada e, assim, ignoram certas proibições alimentares.

(10)—Sem dúvida, estas criaturas são ambíguas por serem algumas delas imortais e ainda serem espíritos deste Mundo e não do Outro Mundo. Contudo, não é por isso que servem como intermediários entre o homem e o sobrenatural como coloca Leach (1964). Padres e Santos têm este papel no sertão. As criaturas ambíguas não são tabus, nem sagrados, como Douglas (1966) observou em outros lugares do mundo.

(11)—Cascardo [1962(1954), 1976(1947)] sustenta que a idéia de caipora é de origem indígena, e, de fato, é comum encontrar referências a espíritos protetores de animais, nas etnografias sobre ameríndios contemporâneos da Amazônia.

(12)—Este é mais um exemplo do sentido de figura do porco para o sertanejo. Duque [1973 (1964)] observou mudanças semelhantes nas zonas de caatinga do Nordeste, afirmando que hoje em dia é difícil encontrar o mato original de três a quatro estratos de flora e o mato secundário de dois estratos prevalece.

(13)—Bicalho (1985) fornece talvez o único estudo detalhado sobre os vários tipos de irrigação no sertão.

BIBLIOGRAFIA

- ARISTÓTELES, *Collected Works*. Chicago: Great Books of the Western World. 1952.
- BERLIN, B. *et alli*. "Folk Taxonomies and Biological Classification". In: *Cognitive Anthropology*, S. Tyler (ed.), p. 60-65. New York, Holt, Rinehart & Winston 1969(1966).
- _____. "General Principles of Classification and Nomenclature in Folk Biology". *American Anthropologist* 75: 214-42. 1973.
- BROWN, C.H. "Folk Zoological Life-Forms: Their Universality and Growth". *American Anthropologist* 81: 791-817. 1979.
- _____. "Mode of Subsistence and Folk Biological Taxonomy". *Current Anthropology* 26 (1): 43-62. 1985.
- _____. "The Growth of Ethnobiological Nomenclature". *Current Anthropology* 26(1): 1-19. 1986.
- BULMER, R. "Why is the Cassowary not a Bird? A Problem of Zoological Taxonomy among the Karam of the New Guinea Highlands". *Man* 2(1): 5-25. 1967.
- CASCUDO, L.C. *Tradições Populares da Pecuária Nordestina*. Rio de Janeiro, Serviço de Informação Agrícola. 1956.
- _____. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro, MEC. 1962 (1954).
- _____. *Geografia dos Mitos Brasileiros*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora. 1976(1947).
- CONKLIN, H.C. "Lexicographical Treatment of Folk Taxonomies". In: *Cognitive Anthropology*, S.A. Tyler (ed.), pp. 41-59. New York, Holt, Rinehart & Winston. 1969 (1962).
- CRICK, M. *Explorations in Language and Meaning: Toward a Semantic Anthropology*. London, Malaby Press. 1976.
- DOUGLAS, M. *Durity and Danger*. London, Routledge & Kegan Paul. 1966.
- _____. *Implicit Meanings*. London, Routledge & Kegan Paul. 1975.
- DUQUE, G. *O Nordeste e as Lavouras Xerófilas*. Fortaleza, Banco do Nordeste do Brasil. 1973(1964).
- DURKHEIM, E. e M. MAUSS. *Primitive Classification*. London, Cohen & West. 1963(1903).
- DRECHSEL, P. "Comments on 'Mode of Subsistence and Folk Biological Taxonomy'". *Current Anthropology* 26(1): 55. 1985.
- ELLEN, R. F. e D. REASON (eds.). *Classifications in their Social Context*. London, Academic Press. 1979.
- FARIS, J. C. "Primitive Accumulation in Small-Scale Fishing Communities". *Those Who Live from the Sea*, M.E. Smith (ed.). St. Paul, MN, West. p. 235-249. 1977.
- FLANDRIN, J. L. *Families in Former Times: Kinship, Household and Sexuality*. Cambridge, Cambridge University Press. 1979(1976).
- FRAKE, C. O. "Notes on Queries in Ethnography". *American Anthropologist* 66(3): 132-45. 1964.
- _____. "The Ethnographic Study of Cognitive Systems". In: *Cognitive Anthropology*, S.A. Tyler (ed.), p. 28-40. New York, Holt, Rinehart & Winston. 1969 (1962).
- HARRIS, M. "The Cultural Ecology of India's Sacred Cow". *Current Anthropology* 7: 51-59. 1966.

- HARRIS, M. *Cows, Pigs, Wars and Witches*. New York, Random House. 1974.
- _____. *Good to Eat: Riddles of Food and Culture*. New York, Simon & Schuster. 1985.
- HAYS, T. E. "Ndumba Folk Biology and General Principles of Ethnobiological Classification and Nomenclature". *American Anthropologist* 85(3): 592-611. 1983.
- HOCHBERG, J. "Perception". In: *Experimental Psychology*, J. W. Kling e L. A. Riggs (eds.). p. 395-550. New York, Holt, Rinehart & Winston, 1971.
- HODGEN, M.T. *Early Anthropology in the Sixteenth and Seventeenth Centuries*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press. 1971(1964).
- HOEFLE, S. W. *Continuity and Change in the Northeastern Sertão of Brazil*. Tese de doutorado, University of Oxford. 1983.
- HUNN, E. "The Utilitarian Factor in Folk Biological Classification". *American Anthropologist* 84(4): 830-47. 1982.
- JOLLY, A. *The Evolution of Primate Behaviour*. New York, Macmillan. 1972.
- LA FONTAINE, J. S. (ed.). *Sex and Age as Principles of Social Differentiation*. London: Academic Press. 1978.
- KANT, I. *Critique of Pure Reason*. Chicago, Great Books of the Western World. 1952(1781).
- LEACH, E. R. "Anthropological Aspects of Language: Animals Categories and Verbal Abuse". In: *New Directions in the Study of Language*, E.H. Lanneberg (ed.), p. 23-63. Cambridge, MS, M.I.T. Press. 1964.
- LÉVI-STRAUSS, C. *The Savage Mind*. Chicago, Chicago University Press. 1966(1962).
- _____. *Totemism*. Harmondsworth, Pelican. 1969(1962).
- _____. "Structuralism and Ecology". *Social Science Information* 12(1): 9-23.
- MARCUS, G.E. Resenha crítica do livro *Discourse and the Social Life of Meaning*, P. P. Chock e J.R. Wyman (eds.). *American Ethnologist* 15(2): 391-93. 1988.
- MATTA, R. *Carnavais, Malandros e Heróis*. Rio de Janeiro, Zahar. 1978.
- MENCHER, J.P. "The Caste System Upside Down, or the Not-So-Mysterious East". *Current Anthropology* 15(4): 469-493. 1974.
- NEEDHAM, R. *Symbolic Classification*. Santa Monica, CA: Goodyear. 1979.
- PLATÃO. *Collected Works*. Chicago, Great Books of the Western World. 1952.
- RAPPAPORT, R.A. *Pigs for the Ancestors*. New Haven, Yale University Press. 1968.
- _____. *Ecology, Meaning and Religion*. Richmond, CA, North Atlantic Books. 1979.
- REDCLIFT, M. *Development and the Environmental Crisis: red or Green Alternatives*. London, Methuen, 1984.
- STEWART, J.H. *Theory of Culture Change*. Chicago, University of Illinois Press. 1955.
- TAMBIAH, S.J. "Animals are Good to Think and Good to Prohibit". *Ethnology* 8: 423-459. 1969.
- TYLER, S.A. (ed.). *Cognitive Anthropology*. New York, Holt, Rinehart & Winston. 1969.
- URTON, G. *Animal Myths and Metaphors in South America*. Salt Lake City, University of Utah Press. 1985.
- WERBNER, R.P. "World Renewal: Masking in a New Guinea Festival". *Man*, 19(3): 267-290. 1984.

- WERNER, O. "Strutural Anthropology". In: *Main Currents in Cultural Anthropology*. New York, Appleton-Century-Crofts. 1973.
- WITKOWSKI, S. *et alli*. "Where do Tree Terms Come From?" *Man*, 16(1): 1-14. 1981.
- WHITTEN, J. R., N. E. "Toward a Critical Anthropology". *American Ethnologist* 15(4):732-42. 1988.